

Apresentação

Este dossiê resulta de um encontro de pesquisadores brasileiros realizado no primeiro semestre de 2015, na Unimontes, para discutirem a Literatura Portuguesa nos oitocentos.

Ana Cristina Comandulli, em “Maria Peregrina de Sousa escreve no *Íris*”, apresenta a participação dessa escritora portuense no *Arquivo Pitoresco*, onde publicou seu primeiro poema; e na *Revista Universal Lisbonense*, com o pseudônimo de “Uma Obscura Portuense”, onde publicou uma série de escritos sobre crenças e superstições do Minho. Influenciada por António Feliciano de Castilho, Maria Peregrina de Souza passou a publicar seus textos também no *Jornal Íris*, do Rio de Janeiro, objeto de análise da pesquisadora Ana Comandulli.

Antonio Augusto Nery, em “Santo Onofre (Eça de Queirós): entre a santidade e a sociedade”, analisa essa vida de santo como aquela que mais contundentemente apresenta a peculiar concepção de santidade veiculada pelo escritor nas outras duas narrativas de temática semelhante, “São Cristóvão” e “São Frei Gil”. Em seu estudo, o professor Antônio Augusto Nery objetiva compreender e discutir as particularidades de tal concepção e, por intermédio disso, demonstrar que “Santo Onofre” constitui-se um bom exemplo do diálogo e da conexão que as *Vidas de Santos* ou *Lendas de Santos* estabelecem com outros textos de Eça.

Andrea Cristina Martins, em “O romance oitocentista no cinema contemporâneo: notas sobre a adaptação do romance Alves & Cia, de Eça de Queiroz”, ancorada em estudos sobre a relação entre literatura e cinema, discute a suposta “fidelidade” da narrativa cinematográfica à literária, apontando, sobretudo, para as adequações culturais e os reflexos da obra machadiana *Dom Casmurro*, perceptíveis no filme. A conclusão a que se chega é que, a despeito das muitas diferenças entre as duas obras, Ratton conseguiu manter a ironia, traço essencial da obra queirosiana, gerando uma falsa impressão de fidelidade.

Eduardo da Cruz, em “As paixões políticas e as narrativas da *Revista Universal Lisbonense* no tempo de Castilho (1842-1845)”, afirma em suas discussões que, no início da década de 1840, em pleno período da ditadura cabralista em Portugal o escritor Rebelo da Silva escreve na *Revista Universal Lisbonense* que “as paixões políticas refervem, e transpiram nas obras de arte” (23/11/1843, p. 165). É o período de produção de *Eurico, o presbítero*, das *Viagens na Minha Terra*, e de ascensão de jovens romancistas portugueses. O que se destaca no conjunto de narrativas publicadas nesse periódico nos volumes sob redação de António Feliciano de Castilho (1842-1845) são a busca por novas formas literárias e a força das paixões políticas, objeto de suas reflexões críticas.

Henrique Marques Samyn, em “O sestro e a sina de Baltasar Coutinho”, problematiza em seu estudo a posição periférica ocupada por Baltasar Coutinho em *Amor de perdição*, fazendo com que essa personagem seja costumeiramente negligenciada nas leituras da obra camiliana. Não obstante, a evidente oposição que se constitui entre a referida personagem e o protagonista Simão Botelho pode fornecer importantes elementos para a compreensão da trajetória do morgado de Castro Daire, instituído como representação ficcional da falência de um modelo específico de masculinidade perante os referenciais românticos.

Jane Adriane Gandra, em “Portugal na *Revista da Semana*”, investiga e pontua que, nas colunas dos periódicos portugueses (por volta de 1863), junto aos nomes de Lopes de Mendonça, António Feliciano de Castilho, Júlio César

Machado e Antero de Quental, já se destacava a atuação jornalística de Pinheiro Chagas. O fato de este ter tido um espírito polêmico aliado à erudição e a uma poderosa memória fez com que ele percorresse todas as direções literárias, criando uma vastíssima biblioteca sobre o século XIX. A *Gazeta de Portugal* marca a sua estreia oficial no jornalismo e o *Jornal do comércio* o promoveu tempos depois a uma popularidade mais ampla. Seu texto crítico apresenta, pois, o pensamento e discussões recuperadas dos textos cronísticos de Pinheiro Chagas, em alguns importantes jornais de oitocentos, como *Jornal do Comércio*, *Revista Ilustrada*, *O País*, *Ilustração Portuguesa*, respeitando o período de publicação de 1863 a 1870.

Luciene Marie Pavanelo, em “*D. Sebastião, O Desejado*, de Francisco Maria Bordalo: um romance histórico esquecido”, desenvolve sua crítica literária pontuando que, tendo sido um dos formadores do gosto do público leitor português, Walter Scott é considerado o grande modelo no qual os autores do século XIX se baseavam para escrever os seus romances históricos em Portugal. Segundo essa autora, se podemos afirmar que o modelo scottiano não é plenamente reproduzido nas obras de Alexandre Herculano e Almeida Garrett, também podemos sugerir que ele não o seria em narrativas hoje esquecidas, como *D. Sebastião, o Desejado*, de Francisco Maria Bordalo, publicada na revista *O Panorama*, entre 1854 e 1855. Seu estudo apresenta uma leitura do romance de Bordalo, inserindo-o num contexto de produção que retomava o mito sebástico – o qual viria a adquirir outros significados à medida que Portugal se aproximaria do fim do século.

Moizeis Sobreira de Sousa, em “O estudante de Coimbra: um pioneiro esquecido do romance oitocentista”, problematiza em seus estudos que, nos termos da historiografia e da crítica literárias, a história do romance português é um capítulo ainda muito incipiente. Segundo o pesquisador, de modo habitual, a maioria dos estudos que se dedicam a esse tema adotam a produção romancística de Alexandre Herculano como ponto de partida, incorrendo no equívoco de ignorar o que foi realizado antes, tanto no século XVIII quanto no começo da centúria seguinte. No entanto, a tradição romancística portuguesa não é tão curta quanto apontam esses lugares-comuns. Sem retroceder muito em relação ao marco temporal que encerra essa diretriz, é possível visualizar ocorrências ainda não consideradas do gênero em questão, a saber: *Carlos e Julieta* (1838) e *O Estudante de Coimbra* (1840-1841), de Guilherme Centazzi, romances que antecedem consagrados precursores desse gênero.

Paulo Fernando da Motta de Oliveira, em “Dumas e Camilo: quando o escritor vira personagem”, realiza um cotejamento entre Alexandre Dumas e Camilo Castelo Branco, dois autores que dificilmente são comparados, apesar da trajetória semelhante que tiveram. Ambos foram escritores com um imenso sucesso de público, com uma quantidade enorme de obras publicadas nos mais diferentes gêneros. Partindo de duas obras, *Pauline* do primeiro e *Amor de salvação* do segundo, o pesquisador reflete sobre uma estratégia comum a ambos: a transformação do autor em personagem e a construção de narrativas que seriam fruto do depoimento de pessoas aparentemente reais.